



casadesarmiento
centro de estudos do património

Vir à luz

—práticas e crenças associadas ao nascimento

António Amaro das Neves

Revista de Guimarães, n.º 104, 1994, pp. 51-81

As informações etnográficas empregues neste trabalho resultam de um inquérito aos usos e costumes que abarcou todas as freguesias deste concelho minhoto, delimitado por Guimarães, Fafe, Braga e Vieira do Minho. Os informantes foram preferencialmente pessoas idosas e as perguntas eram formuladas no sentido de se saber *como era dantes*. Não se pretendia a descrição da realidade presente, nem sequer da realidade passada; apenas se buscava a percepção do modo como, no presente, se concebe a realidade do *passado tradicional*.

★

ENTRAR NO MUNDO

Na simbólica da vida e da morte o nascimento assume o significado singular de tudo o que é único: tal como se morre uma só vez, só se nasce uma vez em cada existência. À consciência da não repetição do momento inicial da vida de cada indivíduo, surge associada a ideia segundo a qual são determinantes no destino de cada um, quer o parto e o período de pós-parto, quer o longo ciclo de gestação do feto, ao longo do qual se forma o indivíduo enquanto que se vai enovelando a teia emaranhada das linhas do seu destino. Daqui resulta que, para se propiciar um bom nascimento, se recorra a um

© Sociedade Martins Sarmiento | Casa de Sarmiento

vasto rol de práticas, crenças e significações simbólicas mais ou menos ritualizadas que tomam como objectos a geração, o parto e a criação das crianças, cuja coerência se identifica com os fundamentos lógicos da *magia simpática*.

★

Começa a gravidez por ser ocultada durante os seus primeiros meses, ou seja, enquanto é passível de ser dissimulada; por isso se diz nesta região do Minho que, uma grávida, *aos três encobre, aos quatro não pode*. Nos primeiros tempos de gestação o feto é ainda demasiado frágil, e portanto muito permeável à acção maligna do *mau-olhado* lançado pela inveja de alguém. Logo que o estado de gravidez de uma mulher se torna patente aos olhos do mundo, começam a adoptar-se diferentes práticas de cariz adivinhatório no sentido de prever o sexo da criança que a mulher carrega nas suas entranhas. Isto porque não é indiferente nascer-se rapaz ou rapariga.

Algumas das técnicas tidas por infalíveis tomam como indícios premonitórios os sinais exteriores que se observam na mulher ocupada, enquanto que outras se socorrem de variadas usanças, de leituras mais ou menos literais, aparentadas com os sortilégios de feitiçaria bem-fazente.

Partindo da observação do corpo da grávida tece-se a interpretação dos diferentes sinais que aí se revelam, aos quais, muitas vezes, são atribuídas distintas significações conforme os informantes ou o local onde nos encontremos

Um dos modos de previsão do sexo da criança que irá nascer consiste em observar a pele do rosto da mulher. Em Brunhais diz-se que, se ela se apresentar acetinada e lustrosa, a criança será do sexo masculino, se for rugosa e mortiça, se poderá ter como certa vinda ao mundo de mais uma menina. Geralmente, esta é a leitura corrente desta prática de adivinhação. No Minho, é comum ouvir dizer-se que sempre que uma mulher *ocupada* apresenta o rosto com *pano* ou *sairrenta* (isto é, com manchas), está a gerar uma rapariga. Mas este sinal não é interpretado sempre do mesmo modo. Em Ferreiros, por exemplo, há quem sustente que, se uma mulher andar com manchas

na cara, a gravidez será de um menino e que, se a sua pele for branca, então nascerá uma menina.

No que concerne à observação do ventre da mulher prenhe, as práticas de predizer o sexo referem-se à sua forma e ao seu volume. Tem-se por certo que uma barriga *redondinha e pequena* dá rapariga, porque, *como a sardinha, a mulher quer-se pequeninha*, enquanto que uma barriga grande e bicuda dá rapaz.

Outros aspectos da fisionomia da mulher grávida são normalmente indicados como preditores do sexo dos que ainda vão nascer. Há quem diga que, quando se trata de um rapaz, a barriga da mãe fica mais alta sobre o estômago, enquanto que no caso duma rapariga se deve apresentar mais espalmada. Em Geraz do Minho anuncia-se que vem aí rapariga sempre que a mãe se apresenta com «*uma barriga pequena e um cu grande*» e que se trata de um rapaz se a barriga é grande. Em S. João de Rei crê-se que, quando a barriga da mãe se apresenta muito alta, é sinal de virá aí mais uma menina.

Todavia, a leitura mais corrente da forma da barriga da mãe para a previsão do sexo de uma criança, quando esta ainda não nasceu é esta: quando a barriga é mais arredondada, irá nascer uma menina; quando é mais bicuda, é sinal certo de que virá aí um moço. Esta interpretação usa como referente interpretativo óbvio a representação alegórica do pénis, nos rapazes, que faz com que a barriga da mãe se apresente *empinada*, e a sua ausência nas raparigas.

Na freguesia de Friande sustenta-se que, quando uma criança se revela mais activa na arte de *dar pontapés*, isto é, se mexe, dentro da barriga da mãe, especialmente sempre que o faz mais precocemente ou preferencialmente do lado esquerdo, é um menino.

Um outro tipo de prognóstico do sexo de uma criança em gestação socorre-se de referências exteriores ao corpo da mulher prenhe ou a receitas cuja eficácia e fiabilidade adivinhatória ninguém põe em causa. Algumas destas práticas assentam na observação das reacções da mulher. Quando uma mulher sai de casa, ou vai na rua, há o costume de lhe perguntar à queima-roupa: «*Ó minha senhora, o que leva aí na mão?* Se, perante esta situação, a mulher reagir abrindo a mão esquerda, é porque carrega em si uma rapariga. Se, pelo contrário, mostrar a mão direita, é sinal de que se trata de um rapaz. Noutros lugares, encontramos uma variante deste uso: convida-se a grávida a que mostre as mãos. Se ela as apresenta com as costas

voltadas para cima, é prenúncio de rapaz, se exhibe as palmas, de rapariga. Encontramos aqui, quase literalmente, a representação simbólica da *posição do missionário*, a única considerada tolerável pelos teólogos cristãos à luz do conceito de *naturalis modus concubitandi*, adoptada convencionalmente pelos dois sexos nas relações sexuais.

Existe também o costume de utilizar, para o mesmo fim, uma agulha enfiada numa linha dobrada. Em Campos afirma-se que, se a agulha colocada pendente sobre a palma da mãe grávida andasse em círculo, se tratava de uma rapariga; se se movesse para a frente e para trás, tratar-se-ia de um rapaz. Em Rendufinho esta técnica de previsão é apresentada de modo distinto: se a agulha, passados alguns instante em que é posta a pairar sobre a mão da mãe ficasse estática, era sinal de menina; se continuasse a agitar-se, era rapaz. Em Fonte Arcada a agulha é substituída por uma aliança de casamento, que é colocada, igualmente presa a uma linha, sobre a barriga da mãe. Se andar de um lado para ao outro, é sinal de que naquele ventre inchado se encontrava um rapaz em gestação; se, pelo contrário, pára, ninguém tem dúvidas de que se trata de uma rapariga.

Na base destes jogos divinatórios, encontramos constantemente referências mais ou menos claramente explícitas quer ao acto sexual (o homem move-se de trás para a frente, a mulher permanece parada e transforma-se no círculo que o acolhe), quer à valorização do género masculino, tipificado como mais activo, em contraste com o feminino, tido por naturalmente passivo.

Uma outra arte de adivinhação empregue para saber o sexo de uma criança antes dela nascer, e que se encontra difundida por toda esta região do Minho, consiste em lançar ao lume da lareira um *cascavelho* (ouriço) de castanha: se, passado algum tempo, acabasse por estourar, adivinharia rapaz, se apenas *bufasse* augurava rapariga. Em freguesias como Oliveira e Travassos, quando uma criança está para nascer, os seus familiares têm o costume de lançar ao fogo o *cascavelho*, cuspindo-lhe em seguida. Com o calor do lume, o *cascavelho* começa a inchar e, se acaba por estourar estrepitosamente, anuncia um rapaz; se apenas produz um ligeiro sopro, pressagia uma rapariga: Noutros sítios, diz-se que é rapaz se o *cascavelho* arder completamente.

Em Garfe encontramos uma versão deste uso na qual é empregue um bugalho que, quando atirado ao fogo, costuma estourar. O ruído produzido por tal estouro é aqui interpretado como sinal de rapaz ou de rapariga, conforme fosse sonoro ou frouxo, respectivamente.

Na freguesia de Serzedelo deparamos com outro matiz desta tradição vaticinante. Aqui, depois de se comer uma sardinha, lançava-se a respectiva espinha para o lume: se ela saltasse, impulsionada pelo calor que a ressequia, tratava-se de um rapaz; se o não fizesse era, obviamente, uma rapariga. Na mesma freguesia existe, com idêntica finalidade, um processo que consiste em atirar um pinhão ao lume que, se rebentar com ruído, prognostica o nascimento de um rapaz.

Uma outra tradição é-nos relatada em Monsul. Trata-se de introduzir uma moeda no seio da mulher em vias de parimento: se, quando retirada, mostra *caras*, sinal de rapaz; se *coroas*, sinal de rapariga. Noutros sítios o processo é o mesmo, mas mais simplificado: basta atirar-se a moeda ao ar. Por vezes, lançam-se os dados: se sair ímpar, vai nascer um moço.

★

O nascimento era sempre aguardado com ansiedade pela família, a qual se ia preparando para a recepção ao novo membro. Uma das primeiras coisas que era costume fazer-se era tratar da escolha dos padrinhos, a qual tinha lugar sempre anteriormente ao nascimento. Entretanto a mãe, com o aproximar-se da hora do sucesso, ia cuidando de preparar o enxoval da criança que, em grande parte, era constituído por roupas já usadas. Cuidava-se também da preparação do berço onde, nos primeiros meses, o infante iria passar a maior parte do seu tempo.

Quando começava a pressentir os primeiros sinais de que se aproximaria a hora, a futura mãe tratava de lavar-se cuidadosamente e de pentear-se, fazendo tranças no cabelo. Ao mesmo tempo, colocavam-se à mão as roupas em que se iria embrulhar o recém-nascido. As crianças da Póvoa de Lanhoso tinham como maternidade a casa dos seus pais e, como parteira, procurava-se uma mulher idosa,

experiente, forte e reconhecidamente habilidosa naquela arte – a qual, muitas vezes, era a própria mãe da parturiente –, senhora de uma experiência que lhe advinha do facto de já ter passado pela mesma experiência como mãe e, como tal, já comungar dos mistérios da maternidade. Em Galegos refere-se que quem cuidava dos partos eram mulheres que soubessem cortar a *embida* (o cordão umbilical) às crianças. Muitas vezes, em situações de maior aperto, recorria-se simplesmente à vizinha mais à mão, contando-se ainda casos de mulheres que tinham os seus filhos sozinhas e que, antes, ainda preparavam o caldo de galinha que tomariam na ressaca do parto. Em Esperança todos os membros da família já na maioria tinham permissão de observar e auxiliar os nascimentos.

Enquanto a mãe dava à luz, o pai, sempre que tinha conhecimento do facto (o que muitas vezes não acontecia, por andar envolvido nos seus trabalhos), deveria rezar à Senhora do Alívio para que bafejasse a sua mulher com uma boa hora, implorando para tal a graça da acção da Senhora. Outras vezes, colaborava nas tarefas que naquela altura tinham que ser desempenhadas: aquecer a água para o primeiro banho da criança, ajudar a segurar a mulher, matar a galinha mais gorda que tivesse na capoeira para preparar o caldinho do pós-parto. Em Garfe há notícia da tradição do pai se dirigir à igreja paroquial para roubar uma telha, para que a mãe e a criança que estava a nascer ficassem a coberto dos riscos do parto. Quando este se consumasse, encarregava-se então de ir devolver a telha ao local de onde a retirara.

Para a hora do parto, cuidava-se de preparar a água tépida para o primeiro banho da criança, ao qual, como veremos, eram atribuídas virtudes mágicas e propiciatórias significativas, e a roupa para o primeiro agasalho. À mão colocava-se um alguidar de barro com água morna, uma tesoura para cortar o cordão umbilical e os restantes utensílios que a parteira julgasse necessários. Na cozinha, o lume da lareira era alimentado para aquecer a água que fosse requerida, bem assim como a roupa e o xaile no qual o recém-nascido seria embrulhado. As pessoas que assistiam ao parto como meros espectadores (porque um parto, como uma morte, oferecia sempre um quadro susceptível de atrair as mais variadas curiosidades), colocavam-se atrás da porta ou junto à lareira.

Enquanto decorriam os trabalhos do parto, alguns dos presentes tratavam de proferir algumas rezas, invocando a acção dos santos em auxílio da parturiente. E, de quando em quando, ouvia-se suplicar:

Nossa Senhora do Alívio, aliviai aquela criatura!

Se, ao nascer, a criança não chorasse, tratavam de lhe ministrar um par de palmadas indutor do choro, pois que se acreditava, como em Taíde, que seriam felizes aqueles que nasciam a chorar.

Logo em seguida, a criança era lavada e embrulhada nas roupas que lhe haviam preparado. Em Rendufinho respeitava-se o uso de, se a criança fosse do sexo masculino, embrulhá-la nas calças do pai para que, no futuro, fosse um homem forte como ele; por seu turno, se se tratasse de uma menina, envolvia-se numa saia da mãe, para que lhe tomasse as qualidades. Seguidamente, era entregue nos braços da mãe, que lhe dava de mamar pela primeira vez, sendo depois posta a dormir.

Se, durante o parto, a criança desse mostras de correr perigo de vida, a mulher que assistia ao nascimento deveria trincar uma cebola crua e soprar a criança com o seu hálito forte. Em tais casos, a *aparadeira* deveria *suspiar* a criança em qualquer parte do corpo, proferindo por três vezes as palavras do baptismo: *Eu te baptizo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*, ao mesmo tempo que lhe lançava água na cabeça (ou em qualquer outra parte do corpito, sempre que aquela ainda se encontrava dentro do ventre materno). Neste baptismo improvisado, no final da invocação da Trindade, não se pronunciava a palavra *âmen* do formulário baptismal cristão. Deste pormenor resulta que não se fechava o baptismo, o que permitiria que a criança, caso sobrevivesse, pudesse sem perigo de duplicação do sacramento (que constitui interdito absoluto), ser rebaptizada pelo pároco da freguesia. Por outro lado, às crianças *enxupradas* deste modo, no dia em que fossem conduzidas à igreja para confirmação do baptismo, o padre já não derramaria a água lustral sobre a cabeça, uma vez que tal já havia sido feito na hora de aperto do nascimento. Estas práticas de *enxupiar* as crianças, isto é, de as baptizar no momento do nascimento, em caso de perigo, destinava-se a *ir buscar a alma da criança a Deus*, seu depositário, permitindo assim que, no caso de que não resistisse, pudesse *ir para o Céu*. Se tal não se fizesse e a criança percesse na hora do nascimento, *a sua alma iria para o*

limbo, que é um lugar escuro no Céu onde nunca mais veria Deus, tal como nos é descrito em Sobradelo da Goma. A água empregue neste baptismo provisório deverá provir de uma fonte, o que dispensa a necessidade de ser previamente benzida pelo pároco.

Quando vinha à luz uma criança perfeita, era uma festa para os seus familiares. Sempre que nascia *enfolpada*, isto é *dentro do fole* (a placenta), dizia-se que a criança iria ser feliz. Caso contrário, a infelicidade poderia estar-lhe reservada pela vida adiante, como se crê em Travassos.

★

Momento fundamental em cada nascimento corresponde ao acto de lavar a criança pela primeira vez a que se procede logo após o parto. Vindo de um meio aquático, o recém-nascido inicia a sua introdução no mundo social através da água que serve para o *limpar* das impurezas do mundo natural que ainda carrega no seu corpo. Deste modo, à água do primeiro banho da criança são reconhecidos atributos mágicos e propiciatórios importantes: aquilo que se faz dela durante o banho e, em particular, depois deste, é determinante na sina que então se traça para a criatura, como se o destino do líquido purificador fosse a antevidência do futuro daquele cujo corpo nele foi banhado. A água do primeiro banho (que, como facilmente se verifica, pouco tem a ver com cuidados meramente higiénicos) assume, assim, um carácter único em todo o processo de transportar uma criança para o mundo, conhecendo-se diversas crenças e usanças que a ela se associam.

Na freguesia de Águas Santas deita-se na água do primeiro banho de uma rapariga uma peça de ouro e, no caso de um rapaz, uma moeda. Há também aí o costume de se atirar água do primeiro banho dos recém-nascidos masculinos por cima de uma árvore, para que eles crescessem muito. Na freguesia de Brunhais, se a criança que acabava de nascer fosse uma rapariga, a água em que se banhava seria despejada atrás da porta ou na cinza da lareira, para que ela viesse a sentir apego às lides domésticas e não abandonasse o lar onde vivia. Por outro lado, se se tratasse de um rapaz, a água era

atirada fora de casa para que ele fosse *videiro* e corresse mundo à procura de melhor sorte Em Calvos, ainda durante o banho, quando se despejava a água sobre a cabeça, costumava dizer-se:

*Aguinha a correr,
e o meu filhinho a crescer.*

Existia também a prática de dar desta água a beber à criança, durante o banho. E dizia-se então:

*Aguinha do cu lavado,
para livrar o meu filho do mau fado.*

No final do banho, a água do menino era atirada para fora da casa, enquanto que a da menina seria cuidadosamente vertida atrás da porta. Havia também o uso de se introduzir, no alguidar onde era dado o banho, uma peça de ouro, para que a criança fosse feliz.

Em Campos, era normalmente à madrinha que competia a tarefa de lavar a criança após o parto, introduzindo-se na água uma aliança de ouro. No fim, o líquido onde se lavara um recém-nascido do sexo feminino era deitado junto à porta da cozinha, para que desse boa dona de casa, ou, tratando-se de um rapaz, era atirada para fora de portas, na maior parte das vezes para o quintal, para que não viesse a ser *caseiro* nem *amulherado* e desse bom trabalhador. E dizia-se, enquanto se dava o banho:

*Aguinha da fonte a correr,
para o meu menino crescer.*

OU:

*Água do cu lavado,
para o meu menino ser engraçado.*

Por sua vez, em Ferreiros, quando se tratava de dar banho pela primeira vez a um menino, deitava-se dinheiro na sua água, que seria despejada fora de casa. Quando se tratava de uma menina, colocava-se na água, em vez de dinheiro, um brinco ou um anel de ouro, para

que a criança fosse abastada e feliz; no final, o líquido era derramado na cinza da lareira ou debaixo do forno de cozer o pão.

Em Fonte Arcada encontramos novamente a tradição de se lançar a água do primeiro banho das raparigas junto da porta da cozinha (o local onde tradicionalmente as mulheres passavam a maior parte das suas vidas) e, a dos rapazes, numa árvore junto de casa. Nessa água era introduzida uma moeda, para que a criança fosse poupada, havendo ainda o costume de a dar a beber à criança.

Na freguesia de Friande, colocava-se ouro no alguidar do primeiro banho para que quem ali se lavasse viesse a ser feliz. Se se tratasse de uma menina, no alguidar da água do primeiro banho metia-se uma peça de ouro, para que ela fosse apegada ao metal amarelo. Após o banho, a água era despejada nas imediações da cozinha, devagarinho para que a rapariga não viesse a revelar medos. Se se tratasse de um rapaz, metia-se na água do banho uma peça de dinheiro, para que ele lhe fosse afeito, despejando-se a água, igualmente devagar, num campo, para que ele fosse bom trabalhador.

Por sua vez, em Garfe existia o costume de se preservar atrás da porta, durante dois ou três dias, a água do primeiro banho, a fim de evitar que, sendo despejada, entrasse em contacto com qualquer coisa ruim, cuja influência se transmitiria facilmente àquele que nela foi banhado. Nessa água tinham sido introduzidas, antes do banho, algumas patacas, de cobre no caso de se tratar de uma rapariga, e obrigava-se a criança a sorver algumas gotas dela. Transcorrido o espaço de tempo considerado necessário para defender a criança dos males que pudessem vir a infectar esta água, era despejada longe de casa, se fosse de um rapaz, para que trabalhasse muito e fosse pouco caseiro. Por motivos inversos, e como noutros sítios que já vimos, a água das raparigas era vertida no interior de casa.

Em Geraz do Minho, a água do primeiro banho dos rapazes era vertida fora de casa, geralmente na *estrumeira*, para que ele não fosse tomado pela preguiça. Porém, era vertida devagarinho, para impedir que ele desse em *gandulo*. No caso das moças, era lançada na cinza da lareira, igualmente devagar, para que não viessem a tomar maus caminhos e fossem boas mulheres de casa.

Em Lanhoso, a água do primeiro banho das raparigas era deitada junto do forno. Em Monsul, por outro lado, o destino que lhe era dado estava debaixo da masseira, enquanto que em Moure era vertida

na borrarheira, o lugar onde se acumula o borralho do forno e da lareira.

Em S. João de Rei encontra-se a tradição de se colocar na água do primeiro banho das raparigas um cordão em ouro e, na dos rapazes, uma moeda que deveria ser do mesmo metal.

Já em Serzedelo, havia o cuidado de não se lançar fora a água do primeiro banho depois do Sol posto. Sempre que necessário, era preservada para o dia seguinte ao parto, altura em que se lançava para os canteiros de flores. Por outro lado, em Sobradelo da Goma, a água dos rapazes era despejada fora de portas para que eles nunca parassem demasiado tempo em casa. Geralmente, o local que se escolhia para tal fim era a árvore mais alta do quintal, para que o moço desse um homem forte e bondoso. Em Travassos, a água do primeiro banho das raparigas era vertida na *torreira* e em certos cantos da casa, para que ela fosse trabalhadeira e pouco dada a sair de casa. Aqui existia ainda o costume de se lançar a água do primeiro banho dos rapazes do cimo de um muro muito alto para que, se eles algum dia calhassem de cair ao mar, se pudessem salvar a nado.

★

As práticas, crenças e significações simbólicas atrás descritas, e a leitura dos diferentes sinais que participam nas práticas de previsão/determinação do sexo das crianças, antes de nascerem, bem assim como as usanças associadas ao primeiro banho e à sua água, são particularmente esclarecedoras no sentido da apreensão do modo como esta comunidade estrutura e constrói a ideia de género sexual enquanto categoria de identidade social, a partir da qual masculino e feminino se constituem como realidades claramente objectivas e distintas, com formulações antinómicas e assimétricas, socialmente preexistentes à construção da identidade individual.

Assim, o ente masculino é aquele que faz com que a barriga da mãe seja grande e *empinada* ou bicuda, que *dá pontapés* mais cedo, que está ligado ao lado esquerdo, que é ímpar, que é mais activo (recorde-se o *cascavelho* que estoura), que está associado ao dinheiro e à imagem do pai, que deve ser trabalhador, sair de casa (muito

provavelmente emigrar e correr mundo, tal como nos pode sugerir a prática de lançar a água do cimo de um muro, para que ele se não venha a afogar no mar), que é maior, e que na vida tem a primazia de ocupar o lugar precípuo da cabeceira.

Por outro lado, a representação da identidade feminina aparece enfermada por uma evidente inferioridade: ela é mais pequenina e mais delicada (mais *redondinha*), mas também menos desejada (e disso é sinal o rosto da mãe, que fica manchado), submissa (o *casavelho* que a anuncia somente *bufa*) e passiva (recorde-se a ideia da agulha que se não move ou que, no máximo o faz em círculo), sendo o seu universo a domesticidade e o seu horizonte as paredes da sua cozinha. Identificada com a mãe, representada simbolicamente pela saia com que é coberta após nascer, deve comungar do seu destino caseiro, manso e comezinho.

★

PÓS-PARTO

Ao momento do parto seguia-se, para a mulher, um mês de cama em que repousava dos nove meses de gravidez e do trabalho de dar à luz, correspondente ao período de liminalidade associado ao termo da gravidez e à vinda ao mundo de mais uma criança, durante o qual a parturiente permanecia impura (Pina Cabral, 1989:138). As vizinhas visitavam-na e traziam-lhe trigo *do duro*, galinhas e géneros de mercearia. De notar que, em cada um dos trinta dias deste mês, se matava uma galinha. Por isso, no período que antecede o parto, a capoeira da casa ia sendo aprovisionada de galinhas, sem que se matassem ou vendessem as que lá existissem e comprando as que se revelassem necessárias. A estas, acrescentavam-se agora as que eram oferecidas pelos vizinhos e pelos familiares.

Nos três primeiros meses de vida de uma criança, as fraldas que elas sujavam não se torciam, não se expunham a corar em cima de erva verde, nem se deixavam a secar ao relento. Antes se colocavam durante o dia a corar sobre paus secos, para que não entrasse nelas o *bichoco*, como manda o costume nomeadamente em Geraz do Minho.

★

NASCER PARA CORRER O FADO

Um dos perigos que espreitam aqueles que nascem, reside no facto de poderem vir a ser impelidos a correrem o *fado*.

Segundo crença corrente nesta região, será lobisomem o sétimo (ou quinto, ou nono, conforme os informantes) filho varão consecutivo gerado por uma mulher. Por vezes, é referida também a possibilidade de uma rapariga que seja a sétima filha, se transformar em loba, embora quase sempre se indique que o seu fado será transformar-se em *peeira de lobos*, isto é, terá como sina ir viver para o pé dos lobos, ou, como também se diz, guardar matilhas de lobos do mesmo modo que um pastor vigia o seu rebanho.

Encontram-se descrições muito pormenorizadas sobre o modo como se opera a metamorfose de um lobisomem: quando, na noite aziaga de quinta para sexta-feira, soam as doze badaladas no campanário da igreja, o lobisomem abandona a sua casa sem que ninguém pressinta os seus movimentos ou dê conta da sua falta, nem mesmo quem com ele partilha o leito, dirigindo-se para a árvore mais alta do lugar, onde, depois de se despir, esconde a sua roupa. Em seguida, nu como veio ao mundo, procura um *espolinhadouro* de animal, onde se rebola, assumindo então a forma do animal que aí se costuma espolinhar (cão, gato, galinha, cavalo, burro, porco, ou outro qualquer). É sob esta forma que irá *correr o fado*, isto é, percorrer um caminho onde terá que passar por sete montes, sete pontes, sete fontes, sete encruzilhadas, sete portelas de cão. Esta peregrinação, feita em correria desatada, dura quase toda a noite. Depois, tornará a espojar-se no mesmo local, para reverter a metamorfose, readquirindo a forma humana, indo então vestir a sua roupa e regressar a casa sem que ninguém o surpreenda, embora, muitas vezes se estranhe o facto de aparecer na cama completamente enregelado.

Existem processos para, contrariando o destino, impedir que alguém tenha que correr o fado. Já se viu de que modo a condição de *corredor do fado* se adquire através do nascimento. Porém, se o quinto

(ou sétimo, ou nono) filho dado à luz por uma mesma mulher, no acto de baptismo, for apadrinhado pelo irmão mais velho e receber o nome de Adão (ou de Eva, se se tratar de uma rapariga), ficará livre de tal destino. Ou então, no caso de se fazer questão em atribuir-lhe outro nome, é possível quebrar-se o fado se a madrinha, junto da pia baptismal, picar a criatura num dedo com um alfinete, a ponto de lhe fazer correr algum sangue. Aliás, como se sabe, fazer correr sangue a um lobisomem com um objecto metálico é o processo indicado para quebrar um fado: sempre que se desconfiava que alguém era lobisomem, procurava-se descobrir onde escondia as roupas antes de se metamorfosear para, aguardando o seu regresso, o picar com um agulhão de conduzir os bois ou qualquer outro objecto metálico pontiagudo, fazendo jorrar sangue. Assim se poderia quebrar, em definitivo, uma sina traçada desde o nascimento.

★

O BAPTISMO

Com o nascimento e o primeiro banho ficavam cumpridas as duas primeiras fases do processo de vinda à luz do mundo de uma criança, que só ficará concluído com o respectivo baptismo, a ter lugar em chão sagrado, o qual aparece como a consumação final de um processo de purificação pela água, que se iniciou nos instantes imediatos ao parto e que se concluirá no espaço do baptistério paroquial. E, no espaço de tempo que transcorria entre o nascimento e o baptismo, a criança vivia um interlúdio no qual se via ameaçada por diversos perigos, de que era preciso defendê-la, que iam desde o *mau-olhado* ou a acção maléfica das bruxas que ficam à espreita das crianças ainda por baptizar, até à morte que impediria a criança de ser sepultada em *chão sagrado* uma vez que, sem o sacramento baptismal, nenhuma pessoa está verdadeiramente dotada de uma alma. Assim, na crença popular, uma criança que morra sem ter visto a água lustral terá o mesmo destino que qualquer animal irracional, estando-lhe interdita sepultura no cemitério da igreja da paróquia.

Deste modo, facilmente se entende a urgência com que antigamente eram baptizadas as crianças, o que ocorria num prazo que nunca ultrapassava o período de uma semana após o nascimento, ordenando as *Constituições Sinodais do Arcebispado de Braga* de 1639 que «do dia do nascimento de qualquer criança, até oito dias primeiros seguintes, ao mais, seu pai ou mãe ou qualquer outra pessoa que dela cargo tivera faça baptizar» (pág. 7-8), prescrevendo-se sanções para quem assim não procedesse: haveria então necessidade de obter uma licença que autorizasse a celebração do baptismo fora de prazo, o que correspondia ao pagamento de uma multa, uma vez que tal licença, não passava de uma mera formalidade que custava dinheiro. Na maior parte dos casos, procurava-se realizar os baptismos no mais curto espaço de tempo, o que quase sempre sucedia até ao terceiro dia de vida dos párvulos. E era só depois de receber este sacramento religioso que uma criança passava verdadeiramente a fazer parte integrante da comunidade dos cristãos (ou seja: do universo social).

Como já se observou anteriormente, os padrinhos seriam escolhidos pelos progenitores da criança ainda no tempo em que esta se encontrava no ventre da mãe. Após o nascimento, havia necessidade de proceder à escolha definitiva do nome do recém-nascido, o qual poderia ditar o destino da criança no caso de se tratar do quinto (ou sétimo) filho consecutivo do mesmo sexo, o qual se poderia vir a transformar num *lobisomem* que corre o *fado*, no caso dos rapazes, ou numa *peeira de lobos*, no caso das raparigas, se não se chamassem Adão ou Eva, respectivamente.

No dia do baptismo, a criança, embrulhada numa toalha de linho –que, em muitos casos, é a mesma que se utiliza para cobrir a mesa de receber o padre pela Páscoa–, era levada à igreja na companhia do pai, dos padrinhos e da mulher que lhe servira de parteira. Por vezes, os avós participavam também nesta acto. A mãe, que não podia assistir ao cerimonial por se encontrar no *mês de cama*, durante o qual lhe era vedado ausentar-se para fora de portas, ficava em casa a preparar o *jantar*. A parteira, que dividira com a mãe a responsabilidade na vinda ao mundo da criança, ocupava o lugar da mãe carnal, carregando ao seu colo a criança até à igreja onde teria lugar a cerimónia. No regresso, será a vez da madrinha, a nova segunda mãe do recém-nascido, que a trará para casa a fim de o depor nas mãos da natural.

Uma criança por baptizar não podia assistir à missa, nem sequer entrar na igreja *antes do padre fazer umas rezas*, tal como é referido em Friande, Serzedelo ou Galegos. Por isso, teria que ser baptizada fora da igreja, isto é, na respectiva entrada, antes que pudesse transpor a porta de acesso às naves do templo (Garfe). E, antes de entrarem na igreja, os padrinhos faziam a promessa aos pais de velarem pelos afilhados em caso de necessidade. Na freguesia de Travassos, a criança e os padrinhos aguardavam à porta da igreja a chegada do padre com a cruz. Só após o padre ter proferido as primeiras orações é que a criança era conduzida à pia baptismal.

Os baptismos eram oficiados em latim, empregando-se a água benta e o sal: o padre oficiante derramava água sobre a cabeça da criança e introduzia-lhe sal na boca, ao mesmo tempo que ia pronunciando em latim as palavras do baptismo. Em Louredo, como em outros lugares, o padre, em vez de despejar água benta sobre a nuca da criança, mergulhava-lhe por completo a cabeça na água da pia baptismal. Em Sobradelo da Goma, quando tinha lugar um baptismo, em findando a cerimónia, todas as crianças que se encontravam na igreja e que nestas alturas ali acorriam em grande número, iam igualmente molhar a cabeça com a água benta da pia baptismal. Terminado o ritual, o sino do campanário soava a anunciar o baptismo: duas carreiras de toques se fosse rapaz, apenas uma no caso das raparigas.

À saída da igreja, havia o costume de oferecer alguma coisa às crianças que se aglomeravam à porta aguardando que os participantes do cerimonial lhes dessem o *samagaio*. Em Campos, todas recebiam pão de trigo; se a criança baptizada fosse uma rapariga, recebiam também reбуçados. Se os pais da criança fossem de mais posses, atiravam-lhes também algumas moedas. Em Louredo, quando a *canalha* que acorria à porta da igreja em dia de baptismo não fosse presenteada com o pão de trigo, começava a cantarolar que o baptizado era *moucho*. E quando, pelo contrário, o *samagaio* era distribuído, escutavam-se vivas ao neófito e aos respectivos pais e padrinhos.

Após a cerimónia, era servida em casa uma refeição melhorada, de cuja preparação se encarregara a mãe enquanto decorria o baptismo. Para que a criança tivesse uma existência feliz, não devia despír durante todo o dia da cerimónia a roupa que levou à igreja, conforme costume observado em Fonte Arcada. Essa roupa havia sido oferecida pelos padrinhos: no caso de se tratar de uma rapariga competia

à madrinha oferecer-lhe o vestido do baptismo, enquanto que o padrinho lhe daria os brincos que iria colocar nas orelhas; no caso dos párvulos do sexo masculino, a madrinha oferecia igualmente o vestido do baptismo, ao passo que o padrinho lhe dava uma baeta – xaile ornado com uma fita de seda à volta e com um laço num dos cantos.

Por seu turno, em paga dos seus serviços, o pároco que oficiava o sacramento do baptismo tinha direito de receber ofertas, geralmente em géneros e estipuladas pelo costume da freguesia. Assim, em Calvos, os pais levavam-lhe uma galinha e duas rasas de pão (isto é, duas rasas de milho). Em S. João de Rei, davam-lhe simplesmente uma galinha, sendo esta a oferta que se encontra mais difundida por toda esta região minhota desde há séculos.

★

ESTERILIDADE DAS MULHERES

Se a maternidade constitui um aspecto fundamental da realidade feminina, a esterilidade é encarada pela sociedade como susceptível de culpabilização. Sempre que um casal não consegue procriar, a responsabilidade é atribuída à mulher que, vendo-se impossibilitada de gerar filhos, recorria a diversas práticas, mágicas ou religiosas, para o conseguir. Era costume apegarem-se com a Nossa Senhora do Pilar ou com o orago de que fossem mais devotas, para que interferisse no sentido de lhes conceder os filhos em paga das promessas que lhe faziam. Recorriam ainda a certas mezinhas caseiras, reputadas de possuírem grandes poderes no campo da fecundidade, nomeadamente aquelas que eram indicadas para as doenças do sangue, uma vez que se acreditava estar nele a principal causa de a mulher não conseguir engravidar (o que nos remete para a velha teoria dos *humores* que regulavam o funcionamento do corpo humano). Havia ainda quem se socorresse da acção de *bruxas*, *mezinheiras* e *adivinhas* que, com as suas rezas e as suas mistelas, tinham fama de afastarem os males que apoquentavam os corpos e os espíritos.



casadesarmento

centro de estudos do património

Uma das tradições que ainda hoje permanecem em terras da Póvoa de Lanhoso para que as mulheres estéreis se pudessem ascender ao dom da procriação era a de se dirigirem a uma ponte onde proferiam algumas rezas. Na vila, fala-se nas orações pronunciadas por estas mulheres, à volta da meia-noite, sob os arcos de uma ponte, através das quais obteriam a satisfação do seu desejo de engravidar. Da mesma forma se diz que uma mulher que, andando grávida, se revelasse incapaz de levar a gravidez a termo ou lhe costumassem morrer os filhos logo após o nascimento, alcançaria bons resultados caso se dirigisse à noite a determinada ponte, onde teria lugar um estranho cerimonial de baptismo *in ventre* do nascituro.

Trata-se da ponte de *Mem Guterres*, também conhecida por ponte de *Domingos Terne*), que se ergue na freguesia de Esperança e transpõe o rio Ave, à qual, segundo conta o povo da terra, anda associado grande mistério. Esta tradição, já descrita em finais do século XIX, por Francisco Martins Sarmento, nos seus apontamentos etnográficos, ainda inéditos (*vide Anexo*), é referenciada igualmente noutros locais, nomeadamente na Ponte da Barca (Pina Cabral, 1989: 135).

Se, apesar de todas as tentativas, uma mulher não conseguisse gerar os seus próprios filhos, restava-lhe sempre a possibilidade de ir procurar à roda uma criança para adoptar. Outras vezes, a casa destas mulheres que ansiavam por ter filhos sem os alcançarem, eram as escolhidas para depor às suas portas dentro de cestos as crianças enjeitadas.

APÊNDICE

Ponte de Domingos Terne (Mem Guterres)

Esta ponte tem uma história legendária, que me contou hoje o Serafim.

É dum arco só. Aí o Ave tem ainda pouco corpo. O sítio da ponte parece ser sobre o horrível: o rio correrá num gorgolão fundo, onde os fundos selvagens são numerosos.

Eis o caso:

Habitava dum dos lados do rio uma moça. Decerto o Diabo queria que ela o viesse ver à outra margem, porque para ela passar lhe construiu uma ponte. A ponte desaparecia decerto, depois que a rapariga não precisava dela. A coisa soube-se; um frade apareceu de surpresa, provavelmente quando a moça passava, exorcismou a ponte diabólica, e a ponte do Diabo ficou consolidada pelo exorcismo, porque o poder do Diabo para a fazer desaparecer esbarrou nele.

A legenda tratará talvez de explicar a existência de uma ponte num sítio medonho e de pouco trânsito. Mas aqui está outra crendice, ligada à mesma ponte que prova a sua celebridade:

Conta a Margarida que as mulheres estéreis, que querem ter filhos vão à ponte, dizem certas palavras, que a informadora prometeu saber, e a esterilidade passa.

A uma mulher de santa Leocádia surtiu-lhe bom efeito o remédio.

[Francisco Martins Sarmiento, **Antiqua I**, c. 1878, pág. 18]

★

Ponte de Domingos Terne (bis)

A Margarida averiguou a costumeira. A mulher estéril vai pôr-se na ponte à meia-noite. A primeira pessoa que passa, diz as palavras do baptismo, e asperge-a com água do rio, aonde descem. Mas não é só a ponte de Terne, é a de Donim que tem a virtude. Vê-se que a virtude é a água do rio.

[Idem, pág. 19]

★

Ponte de Domingos Terne (Mem Guterres). Sua Construção.

(Outra versão)

Um pedreiro tinha ajustado a ponte, mas, vendo que perdia, deixou a obra incompleta e fugiu.

Encontrou no caminho um homem (era o Diabo) que lhe prometeu dar-lhe a obra acabada, se ele em troca lhe desse a primeira coisa que lhe nascesse em casa. O homem tinha alguns animais prenhes, entre eles uma porca, e fez o contrato. Não se lembrou que tinha também a mulher grávida.

A ponte foi acabada de repente, faltando-lhe só uma pedra (que ainda hoje falta), e por onde o Diabo a arruinaria, se o homem tentasse iludi-lo. O pedreiro, vendo a mulher com dores de parto caiu em si e foi contar tudo a um padre.

Este aconselhou-o a encher uma laranja de água benta e a rolá-la por toda a extensão da ponte, que deste modo ficou benzida, sem que o diabo pudesse fazer nada contra ela. Ao mesmo tempo o padre não saiu da cabeceira da parturiente e assim ficou a ponte salva e a

criança também. Durante estas operações de água benta e assistência do padre, o Diabo dava urros enormes.

[Idem, III, c. 1880, pág. 76]

★

Idem. Baptismo do rio.

(Outra versão)

Quando uma mulher grávida supõe estar no fim e quer fazer escapar a criança que traz no ventre vai «à meia-noite» à ponte de Domingos Terne, ou antes espera lá pela meia-noite A primeira pessoa que passar, será o padrinho do futuro filho, e baptiza-o com água do rio, que se tira do alto da ponte num copo, atado a um cordel, dizendo:

«Eu te baptizo, criatura de Deus, em nome do Padre, do Filho e do espírito Santo.»

É preciso não deixar passar a ponte algum animal, ou ser vivente, que tolherá o efeito da coisa; estes animais são coisa má disfarçada, que pretendem contrariar a influência da operação, e que nessa ocasião aparecem em grande quantidade.

A operante tem de forrar o quarto de preto, na noite da operação. Não se diz para quê. A mãe da mulher do Luís do Sobrado foi assim baptizada, sendo o seu padrinho um carvoeiro, que atravessava a ponte: outras pessoas mais, a quem morriam os filhos, salvaram algum deste modo.

NB. Diz a minha informadora que não sabe que tal se faça na ponte de Donim.

(Custódia de Louredo)

[Idem, III, pág. 76-77]

★

Ponte da Barca

(Do tempo de D. Manuel)

Há aí a mesma superstição que a da Ponte de Domingos Terne, contada pela mulher de Louredo (vide retro).

O baptismo é feito sobre o ventre da mulher grávida. O padrinho tem de receber um pataco de pão branco, que não pode deixar de aceitar.

Também se não deixa passar a ponte nenhum irracional.

Uma vez, em que se executava o acto, passava a diligência, e dois homens, que estavam de guarda á ponte, começaram à paulada aos cavalos, por o cocheiro teimar em fazê-los seguir caminho. Um padre que vinha na diligência percebeu a coisa e veio baptizar a criança in ventre.

De resto o mesmo: a água tira-se do alto da ponte num púcaro, atado a um cordel. Mas não se forra o quarto de preto.

(António Pereira da Costa e Melo).

[Idem, III, pág. 102]

*

A mulher grávida vai à meia-noite para a ponte. Qualquer pessoa que por ali passe não pode eximir-se de ser padrinho ou madrinha da futura criança, que será feliz durante toda a vida, como a mãe feliz no parto.

[Idem, III, pág. 69]

BIBLIOGRAFIA

- BARBAUT, Jacques, 1990, *O Nascimento através dos Tempos e dos povos*, Lisboa, Terramar.
- BRETTELL, Caroline B., 1991, *Homens que partem, mulheres que ficam. Consequências da emigração numa freguesia minhota*, Lisboa, D. Quixote.
- Constituições Sinodais do Arcebispado de Braga, 1697*, Lisboa, oficina de Miguel Deslandes.
- JOAQUIM, Teresa, 1983, *Dar à Luz. Ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto em Portugal*, Lisboa, D. Quixote.
- O'NEILL, Brian Juan, 1984, *Proprietários, Lavradores e Jornaleiros*, Lisboa, D. Quixote.
- PEDROSO, Consiglieri, 1988, *Contribuições para uma mitologia popular portuguesa, e outros escritos etnográficos*, Lisboa, D. Quixote.
- PINA CABRAL, João de, 1989, *Filhos de Adão, Filhas de Eva. A visão do mundo camponesa do alto Minho*, Lisboa, D. Quixote.
- PINA CABRAL, João de, 1991, *Os contextos da Antropologia*, Lisboa, Difel.
- SANTO, Moisés Espírito, s/d, *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, A Regra do Jogo.
- SARMENTO, Francisco Martins, *Antiqua. Apontamentos etnográficos – 1878/1899*. Manuscrito inédito da Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.